

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO 20 — AFRICA 25 — ESTRANGEIRO 40

N.º 42 (132) — 30-12-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 191 — PORTO
COOR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Robredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Ditaduras e ditadores...

O tema de tôdas as discussões políticas, que grandemente preocupa a diversidade das clientelas partidárias, é a ameaça duma imposição de espadas, duma intervenção violenta do militarismo em tôda a nossa vida interna.

Daqui resultam êstes desencontrados estribilhos:

— Para se salvar a nacionalidade portuguesa da perda da sua independência; para se libertar todo o povo da tutela nefasta dos politicantes que teem permitido tôta a casta de negociatas, ruinosas para o Estado e para a economia de todo o país; para se soerguer Portugal à altura da sua missão histórica e duma respeitabilidade e desafogo sob o tríptico aspecto político, económico e social — só um caminho se impõe, plano, amplo, em linha recta: a proclamação, pura e simples, do sistema estatocrático, isto é, dum forte govêrno militar, que separe o trigo do jôio, que reduza ao silêncio e à inutilidade a turba, a alcateia de lobos politiqueros e traficantes que nos teem chupado o *tutano*... da nossa existência feliz...

Mas ante o perigo que esta intenção reaccionária representa para as cutras sinistras *nuanças* de politicantes que mais ou menos teem exercido a hegemonia poleiral, saltam logo, desvairados, os que não querem perder a sua preponderância de tirantes privilegiados:

— Não! Isso seria um retorno ao passado de francáceas e funestas ditaduras, contra as quais se levantaria em pêso tôda a nação, que ainda não abdicou do seu espírito de liberdade conquistada à custa de tantos sacrifícios. Isso reverteria em desprestígio dos princípios da democracia; representaria, certamente, a subversão da própria república, amortalhada, lamentavelmente, na sua Constituição reduzida a imundos tra-

pos... A única fórmula sensata que acreditará e depurará as actuais instituições encontra-se, nafada e esplêndida, na *oclocracia*, isto é: no govêrno da população, com a condição, porém, de estar consubstanciado no partido ou partido alvarista, democrático ou outro de relações amistosas com os *virgoleiros*... constitucionais...

E todavia — só os parvos o ignorarão — tôdas essas matreiras raposas da fabulosa política em estúpido dissídio e atascada na mais nojenta mácula das piores ignomínias, o que pretendem é que o povo português, o povo das fábricas e oficinas, dos ateliers e dos caminhos de ferro, das minas e dos campos, continue a fazer de ave empoleirada nas franças da sua ingenuidade, entoando, empavezada pelas lisonjas especulativas da espezteza dos *animais* referidos, os trilos da sua inconsciência, para, depois de caído o *queijo*... do seu trabalho insano, êles o devorarem, entre gargalhadas, a *satisfacción*...

Em ditadura, em regime militar, tem-se vivido sempre: o militarismo nunca deixou de intervir contra o povo escravizado e em defesa dos que o roubam. O que poderá ter havido é ditadura, ora mais *benévola*, ora mais *apertada*, consoante, as ocasiões e, muito principalmente, consoante a covardia popular, o indiferentismo dos produtores que vivem na miséria...

Depois da queda da ditadura monárquica, o que tem sido a república senão uma série tremenda de ditaduras simultaneamente civis e militares, cujas ditaduras teem estado sempre ao serviço dest'outras ditaduras: as dos saques dos cofres públicos, dos escândalos surripiadores nas repartições do Estado, das falsificações dos funcionários oficiais, dos

esbanjamentos dos poderes governamentais, das complicitades, com a furiosa rouboleira dos bancos, das moagens, do comércio e da indústria, onde estão associados todos os políticos de categoria, marechais de partido, senadores, deputados, etc., etc.? O que é o Estado senão uma colossal quadrilha organizada de ditadores, cuja função primacial consiste em, por intermédio dos seus ministérios, dos seus parlamentos, dos seus municípios, das suas paróquias, dos seus govêrnos civis, das suas repartições fiscais, das suas guardas executoras, — usurpar o produto do trabalho das classes operárias, sobrecarregando-as com tôda a espécie de exacções, para que essas castas privilegiadas, improdutivas e inúteis que preponderam em todo o mecanismo social que nos tritura, viva, medre, gose, desperdice, farandule em tôda a qualidade de orgias?

Se há miséria e sofrimentos inenarráveis — é porque temos estado sempre sob o império ditatorial dum sistema político e económico de arbitrariedades, defeituoso e opressivo.

Falando-se agora, como se fala, no perigo duma ditadura militar chefiada por um Cunha, por um Leal ou por um Carmona, quer-se dizer que se pensa numa maior intensificação da ditadura actual, não só contra o povo, mas também contra os partidos políticos e gamelosos que lhe são contrários.

¿Devemos assestar as nossas baterias contra tal ditadura reforçada? Sim, combatendo a moderada ditadura presente...

* * *

Aproveitando-se desta acalorada discussão sobre ditaduras, fazem-nos esta curiosa pergunta:

— Na iminência duma ditadura militar burguesa, ¿não será preferível sujeitarmo-nos, antes, a uma ditadura proletária?

Aqui encontramos novamente

uma espécie de *oclocracia*, o govêrno da população — os trabalhadores — desde que ê e esteja consubstanciado no monopólio dos chefes do partido comunista. A fórmula democrática: *govêrno do povo e para o povo*, surge êste alindado eufemismo: *govêrno do operário e para o operário*... No fim, tudo govêrnos providencialistas, a quem, mercê da disciplina comunista de partido e estatal, todos temos que obedecer cegamente...

Em verdade, nós não escolhemos, não preferimos qualquer ditadura: combatemo-las tôdas, porque jámais deixaremos de pelear pela liberdade íntegra. Que as circunstâncias, resultantes da violência dos factos consumados e da incompreensão dolorosa do povo, nos coajam a sofrer esta ou aquela ditadura, melhor ou pior — se assim o podemos admitir — é um caso independente.

Nunca, porém, deixaremos de ponderar que a fementida ditadura operária, alcandorada nas rígidas culminâncias do Estado, jámais poderá escapar ao apoio das baionetas. Esta ditadura militar *revolucionária* procurará, para regular a boa marcha do Estado bolchevista, *transitoriamente* abolxevizar-nos à força, tal qual a ditadura militar burguesa procura submeter-nos ao seu único critério...

Fôra da acção do partido comunista no poder, fôra da vontade dimanada de cima, do govêrno revolucionário, não deverá, não poderá haver outra acção e outra vontade. Tudo que assim não fôr, será contrarrevolucionário, constituirá uma transgressão de lesa-Estado comunista. Como tal, será o delinqüente punido com severidade, talvez executado, sem apelação nem sentença...

¿Ai daquele que na oficina, na rua ou em casa, julgando-se uma criatura consciente e livre, contrarie, ao de leve, mesmo teòricamente, qualquer ordem vinda dos altos poderes do Estado! E já neste caso admitimos a hipótese de que tudo esteja *nacionalizado* sob a di-

recção do governo operário e que não exista, portanto, como na Rússia, indústria e comércio particulares...

Como, pois, preferir ditadura? Seria abdicar total, embora *transitoriamente*, dos nossos princípios. Aqueles que conservam as suas características de utrinárias; aqueles que lutam pela verdadeira liberdade, rompem, sem hesitação, a sua marcha através os dois fogos da ditadura militar burguesa e da ditadura militar comunista — porque entendem que o povo trabalhador, manual e intelectual, não precisa, para a sua emancipação completa, de confiar os seus negócios a ninguém arvorado em *non plus-ultra*... Ele saberá dirigir-se e defender-se directamente dentro das suas livres organizações de produção, consumo e científicas — na rua, em casa, em toda a parte onde possa correr perigo a sua liberdade...



Aos nossos assinantes do Ultramar

Prevenimos os nossos prestados assinantes das possessões ultramarinas para, quando nos fizerem quaisquer pedidos de livros e folhetos, ou mesmo quando desejarem pagar as suas assinaturas, nos não enviarem notas do Banco Nacional Ultramarino, porque a Filial do Porto se recusa, sistematicamente, a trocar essas notas. As razões que a gerência da referida filial apresenta, para proceder assim, são estas: «por ordem superior» não cambiamos essas notas.» E não vem aqui. São «ordens» superiores...

De modo que, em face do que expomos, pedimos encarecidamente aos nossos amigos e camaradas que, em vez de notas, nos mandem cheques, isto para evitarmos perdas de tempo e excessos de despesa.

A ADMINISTRAÇÃO.



CARTAS DUM OUTRO MUNDO

De Pedro das Neves ao 1.º sargento R. Pereira.

II

De este Outro Mundo vai esta carta. Princípio e tenho na mente muito que lhe contar.

Escrevo-lhe para tratar certos assuntos que, por diversas vezes, aí, no «Novo Retiro» nos absorveram o raciocínio.

Você advinha de que se trata...

Trata-se das doutrinas anarquistas, dos princípios sobre que este Mundo assenta.

Muitas vezes, meu amigo, aí nesse Mundo falamos delas; — e, a princípio, o meu amigo que as conhecia das gazetas que cotidianamente comprava, acolhia-as friamente; e, informado pelos periódicos burgueses, afirmava serem os anarquistas uma legião de bandoleiros, de bombistas sem coração. Porém, à força de ouvir-me divinizar-las, expô-las, dizer-lhe qual a finalidade das teorias anarquistas, qual a mira dos acratas, mostrando-lhe em todo o seu esplendor o objectivo do Anarquismo — o meu amigo pôs-se a olhá-las, mais confiadamente.

Nem eu esperava que outra coisa sucedesse, dum adorador da Liberdade — que foi assim que eu logo nas primeiras palestras o vi ludibriado pelos falsos «amigos da ordem e do povo» rotulados de «democratas». Após as minhas exposições com que eu tentava desfazer-lhe as falsas ideias que se arreigaram no seu cérebro, como eu confiava, o meu caro Pereira não permaneceu o intolérante inimigo da fórmula anarquista — dêsse corpo de doutrinas que se propõe solucionar a Crise Social, desigualdades, roubos, crimes, degenerescência, e realizar nos hemisférios, em toda a sua resplandescência, a trilogia:

Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Vamos agora ao que me levou a escrever-lhe.

Preguntou-me você, há dias, como vou eu, como se equilibra esta sociedade, sem chefes, sem autoridade, sem cadeias para os criminosos — sem nenhum dêsse espeques dessa Sociedade.

Tudo por aqui corre bem. Esta Sociedade marcha, sem interrupções sangrentas do Despotismo, sem crimes gerados e planeados na asfíxiante atmosfera da taberna, sem parasitas

a sifilizar o corpo nos antros da prostituição, sem arripantes hecatombes provocadas pelos «patriotas». O Mal, o Crime, o Vício, não são daqui. Aqui vivo — aí vegetava. A taberna, o lupanar, a imprensa que infama a troco de dinheiro, juizes que levam irmãos à guilhotina ou ao degrêdo, homens a arrebeitar, indigestionados, à mesa dum banquete e o *sudra*, às esquinas e nos cantos a estorcer-se de fome e de frio — nada disso aqui existe. A Miséria com o fúnebre préstito de crimes, o D. boche a Desigualdade, a Tirania, o Egoísmo moram na Velha Sociedade.

Aqui, o homem, é Homem, Livremente, o Homem produz o Homem vive, o Homem é um grande rebanho guiado pela vara da Natureza.

A Mulher não é a serva do Homem, nem vice-versa — são companheiros na jornada da Vida.

A Mulher não se prostitui, não assina a escritura de venda do seu corpo; não geometriza a sua existência pelas leis dum código. Aqui, não há jaulas para o Amor; e a Mulher é livre. O Homem é livre, o Amor é livre — rege-os o sacrossanto código da Natureza.

Venha para aqui, meu amigo. Nós somos aqui uma grande Família. Verá como aqui se vive bem. Aqui o homem não explora o homem — ajudam-se, concatenam os seus esforços para a Vitória da Vida, são colaboradores da mesma obra. Aqui não há concorrentes — há colaboradores. Temos uma única nação: o nosso Mundo; uma religião: a do Amor; uma política: a do Trabalho. A Terra é de todos, a Ciência de todos, as invenções, as inteligências, as descobertas são glória da nossa Humanidade. Você, aqui, para viver, não terá necessidade de matar, de metralhar o seu irmão francês, inglês, etc. Aqui, ninguém vive da Morte; não há necessidade da Inutilidade. Você, meu amigo, para dar de comer aos seus filhos, não precisará de empunhar uma carabina e ir, para as grandes chacinas, abater o seu irmão estrangeiro. Aqui, as lágrimas dos pequeninos dum nação não servem para matar a fome aos pequeninos de outra. Você, para viver aqui, escusa de ser assassino — como

o necessita para *vegetar* aí. Para levar pão ao seu lar que agoniza de fome, não mais você irá para a praça calar as famélicas vozes do povo — don-você saiu — que pedem pão.

Olhe, meu caro, venha para este Mundo e traga consigo a espada, carabina e balas — com o seu aço far-se-há uma excelente enxada...

... E mais lhe queria contar mas não tenho espaço na pequena fôlha em que eu pratico o *contrabando postal*.

Um abraço do
PEDRO DAS NEVES.

Anarcôlandia.
1923. Dez. 21



O Direito

O Direito político é a faculdade de tirar aos homens o produto do seu trabalho; é a faculdade de os mandar cometer aquele assassinato colectivo a que pompôsamente se chama guerra.

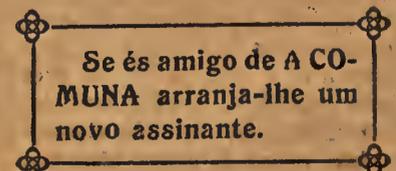
O Direito civil é a faculdade que tem um individuo de se apoderar de milhares e milhares de hectares de terra e de infinitos instrumentos de trabalho; e, para os que não tem terras nem instrumentos de trabalho, o Direito civil é a faculdade de vender os próprios braços e a própria vida aos que possuem terras e capitais, é a faculdade de morrer à fome.

O Direito penal é a faculdade dum individuo só prender, encarcerar, deportar e matar os homens que julgar necessário.

Esta complexidade de faculdades provenientes do direito, é sancionada pelas leis. Mas as leis foram inventadas pelos homens: imperadores, reis, presidentes, ministros, senadores, deputados, etc., que vivem de violências e que, consequentemente, defendem essas violências, mediante leis feitas por eles.

O Direito não tem nenhuma importância moral. E a causa principal da imoralidade está nessa mentira abominável que se chama o Direito...

LEÃO TOLSTOI.



Os contra-revolucionários da Alemanha

(CONCLUSÃO)

Tudo leva a crer que foi assim; que fizeram êles de mais e de melhor que os membros do governo pertencente ao partido social-democrata? Nada, nada.

Com êles, tam desairosamente, tam covardemente como êles, abandonaram o seu pôsto de combate desde a primeira intimidação; e se é justo acusar de covardia e de traição os chefes sociais-democratas da Saxônia e da Turíngia, é justo fazer pensar sôbre os chefes comunistas dêstes dois países a mesma acúsação de traição e covardia.

...

Avancemos no nosso estudo, e vamos ao próprio «coração» das responsabilidades a estabelecer.

É um facto verificado: não foram as predicções revolucionárias que amotinaram os trabalhadores alemães contra o regime capitalista: *chômage* intenso, salários de fome, derrocada do marco, paralisia industrial, privações progressivas agravando dia a dia um estado de miséria cada vez mais geral e sem saída; tal foi o concurso de circunstâncias atroz, que impeliram gradualmente as massas esfamadas para o caminho das pilhagens, dos motins, dos levantamentos violentos e das batalhas armadas.

Verdadeiros revolucionários, que teriam feito, que deviam fazer nesta hora trágica?

A resposta é clara, decisiva. Elas tinham o dever de pôr em prática as suas doutrinas de revolta e de expropriação. Deviam-se misturar na multidão, animá-la com o seu sôpro de destruição, arrancá-la às suas últimas hesitações, arrastá-la pelo seu exemplo, e, com ela, vencer, ou morrer. Não fazer isso, era traír.

Para que serve ensinar aos produtores de tôdas as riquezas que, com tôda a equidade, tudo lhes pertence?

Porque exortá los, em manifestos, artigos e discursos, para a conquista, *por todos os meios*, do que os capitalistas lhes roubaram?

Em que rima a ja velha canção:

*Operário, toma a máquina!
Toma a terra, ó camponês!*

se, tendo soado a hora favorável de tomar posse do solo e das fabricas, os revolucionários não se lançam na peleja, arden-

tes, ferozes, dispostos a não recuarem uma polegada?

Quando a revolução rugue, quando ela está em marcha, quando avança sustentada e arrastada por uma multidão esfamada; quando, em consequência das circunstâncias, pode arrastar homens, mulheres, velhos e crianças; quando se lança, rugindo furiosa, à garganta dos governantes incapazes e dos capitalistas ladrões; quando está pronta a lançar-se, irresistível, contra os diques que o Estado e o Capital lhe opõem, é trai-la fazer derivar o seu curso ou apaziguar o seu furor.

Quando as massas, exasperadas e desesperadas, estão prontas a expôr a sua liberdade, e, se fôr preciso, a dar a sua vida pela conquista do pão, de que estão privadas, nessa hora estão prontas a derramar o seu sangue, para quebrar as cadeias que as prendem à servidão.

Mas, por mais irritadas que estejam, não consentem em correr os riscos duma batalha tam formidável por essa loucura que os deixa indiferentes: mudar de governo e de exploradores. Nestas horas de crise, elas preocupam-se pouco com as querelas de partido, com as intrigas, com as combinações e com as negociações feitas sôbre o seu dorso; e tôdas as táticas, tôdas as acções, tôdas as atitudes que têm por fim pôr um freio aos seus impulsos e de conter ou fazer derivar os seus transportes, constituem outras tantas traições e actos contra-revolucionários.

Toda esta acção revolucionária contra três adversários; os inimigos de classe, os indiferentes e os falsos amigos. Estes últimos são os mais perigosos; são também os mais criminosos.

Acabar-se há por compreender esta verdade?

...

Não é por prazer—não experimento nenhum—de triunfar e de estabelecer—uma vez mais—à luz dos factos a excelência da nossa concepção revolucionária; não é também com o fim de desacreditar as tendências adversas, que eu quis dar a prova da esmagadora responsabilidade da socialdemocracia e do partido comunista no lamentável abortamento da revolução alemã.

Estas mesquinhas não entram no meu carácter; e a minha longa vida de militante

protestaria contra a atribuição que, por acaso, me poderia ser feita.

Mas o meu apego apaixonado ao ideal revolucionário, que há perto de quarenta anos, se tornou o meu, e ao qual a observação dos homens e das coisas dêste tempo não dá senão muita razão, impunha-me a penosa obrigação de procurar as causas dum desastre que eu deploro, e de as assinalar aos verdadeiros revolucionários, afim de que elas não sejam repetidas.

Não fiz teoria; examinei factos precisos. Não discuti como idealista ou especulador, mas como realista e pático.

Espero bem que os sábios doutores do partido comunista declarem mais uma vez que os anarquistas não compreendem nada dos acontecimentos que se desenrolam e das táticas inéditas que êles necessitam. Muito longe de ser nova, a estratégia que êles empregam é vetusta: a razão, a história e a experiência unem-se para a condenar.

SEBASTIÃO FAURE.

DO QUE SE SABE

POBRES E RICOS

Das acéssas lutas pelo penacho que, na Inglaterra tiveram lugar há pouco, os adversários reciprocamente nos deram a saber que: a Inglaterra conta 47 milhões de habitantes; a riqueza acumulada do país, é avaliada em 30 biliões de libras; dez por cento dos habitantes possuem legalmente 90 por cento desta riqueza; por conseguinte noventa por cento dêstes habitantes possuem legalmente 10 por cento desta mesma riqueza; cento e setenta pessoas recebem mais de 100 mil libras por ano; setecentas e vinte recebem mais de 50 mil libras por ano; mais de três mil pessoas recebem 20 mil libras ou mais por ano; nenhuma destas pessoas ganha o que recebe.

Cêrca de cem mil crianças morrem ali antes de um ano de existência; a quarta parte das crianças filhas de trabalhadores, morrem antes do quinto ano de existência; mais de 4.000 mulheres (12 por dia) morrem de parto anualmente; gastam-se 165 por cento das receitas do país na chamada defesa nacional, enquanto se gastam 4 por cento dessa receita na educação.

Sessenta e cinco mil pessoas

recebem por ano mais de 2.500 libras; duzentas e cinquenta mil recebem mais de 1.000 libras; poucos dêstes indivíduos ganham o que recebem.

Há na Inglaterra 280 mil milhões e 1300 semi-milhões; há sempre cêrca de um milhão de pessoas que ali vivem no pauperismo.

Alguns «pobres» ex-juizes e ex-homens de estado custam ao povo 90.000 libras por ano; um descendente de Lord Nelson recebe ainda do Estado 5.000 libras por ano.

Mil e dussentos mineiros e quatrocentos e cinquenta ferroviários morrem de desastres, anualmente; há cêrca de 50.000 rapazes com menos de 16 anos de idade (dos quais 6.000 com menos de 14) empregados nas minas da Grã Bretanha.

«Vinte por cento das habitações são uma ameaça para a saúde pública; há três milhões e meio de indivíduos que ali vivem em pauperismo, num país que pôde gastar dez mil milhões de libras numa guerra», segundo palavras do próprio Lloyd George.

As receitas anuais do país, isto é, rendas, interesses, lucros, salários e ordenados é de 3 biliões de libras; a nona parte do povo, isto é, mais de 5 milhões de indivíduos, recebem entre si, justamente mais de metade destas receitas; os restantes oito nonos de pessoas, isto é, mais de 41 milhões recebem menos de metade destas receitas.

Segundo Leo Chiozza Money: «em média, por ano, 26 pessoas deixam entre si, ao morrer, muito mais do que aquilo que possuem 654 mil pessoas; recentemente, sete mil milhões morreram num ano, deixando 17 biliões de libras!»

Sete sócios da firma J. P. Coats, manufactores de linhas, em Paisley, deixaram fortunas que variavam entre 1.234.802 e 4.642.263 libras.

Isto num país onde a luta entre pobres e ricos, escravos e amos se tem travado quase exclusivamente no campo legal e parlamentar; num país onde os socialistas, prestes a tomar conta do poder, já contam com cêrca de duzentos deputados no parlamento.

...O que prova que estas anomalias e desigualdades não terminam com a ascensão ao poder dêste ou daquele partido; mas só terminarão com a abolição do sistema capitalista onde elas são possíveis.

...Para isso é nosso esforço.

M. H.

LITERATURA

AQUELE POBRE...

Aquele pobre que nos pede esmola,
Choramando uma canção dolente,
Simboliza a miséria incongruente,
A falta de justiça que estiola.

Ele teve a oficina por Escola...
Outrora trabalhou alegremente;
Hoje, morre de fome, horrivelmente,
No meio dum monturo que desola.

Seu esforço viril de proletário:
Tornou inda mais rico o milionário:
— Vampiro inconsolável de ambição.

As chagas purulentas dêste mundo,
Constituindo um mal—o mal profundo—
Teem um remédio só: a Revol'ção...

A. ALVES PEREIRA.

O ENCONTRO

Dois indivíduos caminhavam pelo mesmo passeio duma rua, mas em direcções opostas.

Quando se encontraram a dois ou três passos de distância um do outro, o que ia pelo lado esquerdo olhou com indiferença para o que vinha pelo lado direito, continuando o seu caminho. Mas este, abrindo os braços, gritou-lhe, alegremente:

—Olá, sr. Toporkof! Ditosos olhos!.. Há mais dum século que não o vejo.

Toporkof deteve-se. Cravou os olhos no cavalheiro efusivo e procurou recordar-se do sítio onde tinha visto aquela cara redonda, cheia de rugas, benévola, que lhe não era desconhecida de todo. Mas os esforços da sua memória foram vão. Aquela cara sorridente constituía, para êle, uma enigma. Quem seria o sujeito?... E para não parecer grosseiro, deu-lhe os «bons dias».

—Que lhe sucedeu?— perguntou o outro. Parece que não estamos de muito bom humor...

E juntou, noutro tom:

—O seu último artigo entusiasmou-me! Há muito tempo que não lia coisa tam forte, tam intensa, tam bela. Porque, como sabe, a minha profissão obriga-me a ler muito. Seria para mim

uma verdadeira satisfação que me encarregassem de estudar essa jóia...

—«Deve ser um crítico»—sigo.

disse Toporkof, de si para consigo. —O sr. é muito amável— e apertou-lhe a mão. Agradeço-lhe imenso as suas palavras.

—E' um artigo admirável, amigo Toporkof. Sou um leitor assíduo dos seus trabalhos, não só pela razão do meu officio, mas sim porque me encantam. A literatura é o meu fraco, embora muitos indivíduos julguem que nela só me interessa o aspecto extra-literário.

—«Será um editor?»— pensou Toporkof. E procurou novamente recordar-se do sítio onde tinha visto aquele cavalheiro.

—E Blumenfeld?— inquiriu o velho. O periódico dele, vende-se muito?

—Blumenfeld acaba de sair do cárcere. Como sabe, condenaram-no em dois anos de prisão.

—Sei, sei. Foi condenado por causa do seu artigo— *Política sangrenta*...

—E' verdade.

—E já cumpriu êsses dois anos de prisão? Como passa o tempo!

—Vejo que o Sr. segue muito

de perto os trabalhos jornalísticos de Blumenfeld.

—Sigo, com effeito. Blumenfeld é, por assim dizer, meu afilhado. Tôda a juventude marxista, populista e neo-cristã passou pelas minhas mãos— Sinitky, Y. kovlera, Guerchbaum, Pinin, Rukavitzin... A propósito: lêu o último artigo de Rukavitzin? A sua teoria acerca do proletariado agrário não me convence... Mas, Guerchbaum! Que talento! E' um dos nossos publicistas de carreira mais brilhante. Eu, não só leio os artigos dele, como os recorto e os collecciono. E os livros que êle escreve? Constituem o melhor ornamento duma biblioteca.

—«Será um bibliófilo?»— suspirou Toporkof.

—Sabe? A apelação de Guerchbaum foi rejeitada. Guerchbaum terá de passar seis meses na prisão.

Toporkof, pensou: «Será algum advogado?» Talvez nos tivéssemos conhecido no Tribunal.

—O advogado de Guerchbaum—proseguiu o ancião— estava seguro de que lhe anulariam a sentença. Mas eu sabia que êle se enganava... Lêu o último número da *Tempestade*?

—Não.

—Pois leia-o. Traz um artigo admirável, escrito por Kudinov, com êste título— *Eiapes*. Minha esposa e eu, choramos quando o lemos. Que talento!

—Sabe que Kudinov foi processado pelo artigo 129 do Código penal?

—Então não hei-de saber? Também Lesevitky, o director da revista foi processado. A situação de Lesevitky é muito grave: sobre êle pesa um outro processo que talvez lhe custe seis anos de trabalhos forçados. O de Kudinov talvez fique reduzido a ano e meio de prisão... A propósito: onde poderei encontrar um retrato dele?

—Para que é que quer o retrato de Kudinov?

O velho sorriu-se, confuso, como um colegial que se vê obrigado a confessar uma fraqueza.

—Sou tam sentimental!— contestou. Desejava juntá-lo à minha colecção: tenho o de Pinin, o de Korolenko, o de Rubinson... São a glória da Rússia; e honro-me, decorando, com os retratos deles, o meu escritório. Tenho também o célebre retrato de Ichmetier, pintado por Kulchitsky, que comprei na última exposição. Que talento, amigo Toporkof, o talento de Ichmetier! E' um poeta formidável. Eu não me canço de ler

os poemas dele, sobretudo *Alva Rubra*.

—O pobre foi processado quando publicou êsse livro.

—Sei, de memória, os versos que deram logar ao processo:

*Se çrets triunfar, laçai-vos,
Contra os vossos opressores.
Em colunas bem cerradas,
Abateréis os Senhores!*

Isto é que é poesia! Não é como a que escrevem, hoje, muitos poetas. O fogo sagrado extinguiu-se. A juventude entrega-se ao cubismo, ao futurismo... A nossa época, é uma época muito triste!

—Creio que Ichmetier não será condenado.

—Engana-se, meu amigo. Não passa sem um ano de prisão.

—Os amigos dele andam a tratar da sua liberdade provisória...

—Opus-me a isso.

—O Senhor?— interrompeu Toporkof, julgando não ter ouvido bem.

—Eu, sim. Não pode andar em liberdade um homem que escreveu uns versos tam atrevidos. Eu nunca consentiria...

Toporkof estava estupefacto.

—O Senhor! Mas o Senhor...

—E creia-me— continuou o velho sem reparar no assombro de Toporkof— que se o condenarem só a um ano de prisão, condenam-no contra a minha vontade. Eu farei todo o possível por que o condenem em dois anos de prisão.

—Mas, quem é o Senhor— exclamou Toporkof, cujos nervos estavam tensos como as cordas dum violino.

Nos lábios do velho desenhou-se um sorriso picaresco.

—Ainda não me reconheceu, homem de Deus? Sou o delegado do ministério público. Há três anos denunciéi o seu artigo— *Regime Agonizante*. Defendeu-o um grande advogado, Ivan Petrovich Rudakov; e fez a sua defesa com tanta eloquência que, confesso, temi que V. fosse absolvido. Mas se Rudakov é um advogado de talento, eu não sou um Delegado dos de três ao pataco! E consegui que o condenassem num ano de prisão.

Toporkof olhava para o velho, como se êle fosse uma súbita e macabra aparição. Esfregou os olhos para se convencer de que não estava a sonhar.

—Com que então, foi o Senhor?... Sim, sim, já me recordo. Condenaram-me num ano de prisão; mas o Senhor quer que me condenassem em três...

—Efectivamente: pedi três anos... Ah! ah! ah! Compreendo que era demasiado; mas, e que

Pensamento e Vontade

Apesar dos seus 70 anos de idade, o nosso camarada Errico Malatesta não descança um momento. Sempre moço e sempre jovem, vive para a propaganda da idea anarquista, mostrando continuamente o seu entusiasmo, a sua esperança e a sua fé no triunfo definitivo das doutrinas que vem pregando há quase meio século.

Ontem, os fascistas, num desejo frenético de pândectização, esmagaram-lhe as oficinas de *Umanità Nova*. Mas, hoje, aí o temos novamente na brecha, anunciando-nos, para os primeiros dias do próximo ano, uma revista quinzenal com este sugestivo título — *Pensiero e Volontà*.

Da circular que nos enviou, transcrevemos os seguintes parágrafos:

«A Revista que anunciamos, e que verá a luz de publicidade nos primeiros dias do mês de Janeiro, pretende corresponder a uma necessidade profundamente sentida — a necessidade de estudar os inúmeros problemas politico-económicos que, neste período de intensa e universal convulsão social, se nos apresentam com um carácter de urgência, e cuja solução, que pode ser dada em diversos sentidos, influirá, por um longo período, nos destinos da humanidade.

Não nos deteremos muito tempo a analisar as condições em que se encontra a Europa inteira. O seu estado, é o estado de convulsão geral. Todos os interesses, todas as necessidades, todas as aspirações que, em todas as épocas, dividiram os homens, levados ao paroxismo em consequência do desequilíbrio material e moral produzido pela grande guerra, se encontram num violento conflito.

Onde não há guerra aberta, há uma opressão excessiva que, procurando impedir o eco da revolta, a prepara e a provoca mais formidável que nunca. Dum lado, desordem, miséria crescente, sintomas de revolução; do outro, reacção, militarismo, tirania. E, neste estado de coisas, a pro-

dução e as trocas desorganizam-se e embaraçam-se, e o espectro da fome mostra-se, no horizonte, ameaçador e terrível: já nos vastos centros da Europa há numerosas camadas populares que suportam a fome efectiva, e naturalmente de aí não-de surgir todos os excessos que a mesma fome provoca e justifica.

E todo o mundo sente, todo o mundo sabe que isto não pode durar, porque a vida social se dissolve e a vida material torna-se impossível...

Anarquistas! Nós queremos a fraternidade entre todos os seres humanos; nós queremos, para todos, a justiça e o máximo de desenvolvimento moral, intelectual e físico. E' preciso, por isso, esforçarmos por dirigir o pensamento e a vontade dos nossos leitores para os fins que são os nossos. E como sabemos que as ideas abstractas e as aspirações teóricas se tornam, muitas vezes, nos piores desejos se não se traduzem em factos na medida em que as circunstâncias o permitem, é que procuramos as soluções contingentes, práticas, para os problemas que, segundo todas as probabilidades, se apresentarão nas diferentes fases das próximas revoluções.»

A assinatura desta Revista é, para o estrangeiro, de 15 liras por semestre. E tudo o que a ela se refere, deve ser remetido a Errico Malatesta — Casella Postale, 411 — ROMA — ITALIA.

Pró-Mineiros de S. Pedro da Cova

Transporte . . .	600\$10
Franca:	
João F. Ferreira . . .	24\$85
A transportar . . .	624\$95

Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte

Reunem amanhã segunda-feira, 31 do corrente todos os delegados dos grupos aderentes, para tratar de um assunto da máxima urgência.

Publicações

A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura

Com uma captivante dedicação, recebemos este folheto interessante, cujo autor é o nosso conhecido camarada Gonçalves Corrêa.

Nas 24 páginas que constituem a obra em referência, resume-se a conferência que aquele nosso camarada realizou a quando do quinto congresso dos trabalhadores rurais, no Teatro Garcia de Rezende, em Evora.

Este trabalho, dum lirismo tocante de sentimentalidade emotiva, é bem um hino entoado às excelências das teorias anarquistas, pelas quais a humanidade conseguirá a sua completa libertação no futuro.

Cheia de doçura para com os humildes que sofrem as torturas desta sociedade iníqua e de ódios, não deixa de ser também um cautério implacável para a mentira oficial que nos envenena e para as monstruosidades capitalistas que originam tanta miséria e tanta dor.

Depois de demonstrar que os «trabalhadores, cujo espírito ideológico vai até ao ponto culminante do alicerçamento da paz universal, risonha teoria dos corações bem constituídos, são sinceros e leais amigos dos intelectuais bem intencionados» — do engenheiro, do escultor, do professor, do músico, do pintor, do médico, etc. — Gonçalves Corrêa idealiza o trabalho livre e racional accionado pelos progressos da química e da mecânica que presentemente são acaparados pelo exclusivismo das castas parasitárias e enriquecidas e são tornam instrumentos de martírio, em vez do pauperamento físico da humanidade.

E conclui, sempre crente na apostolização dos ideais: «Nada é irrealizável desde que seja concepção humana. A felicidade de todos os seres na sociedade futura e tão possível como possível é sentirmo-nos felizes aspirando o perfume delicioso dum braçado de pétalas! Basta que o homem se normalize. Basta que queira sair do atoleiro imundo do erro, enveredando pelo caminho amplo e brilhante da verdade.» E na «sociedade igualitária, a brilhante, a moralizadora sociedade Anarquista», até «o próprio irracional não terá, como o boi simpático e paciente, olhos mortifcos, o corpo cançado e esque-

lético. Compreenderá o homem, enfim, que ser rei dos homens não significa ter o direito à sua tortura.»

Mas como os adultos actuais não podem, certamente, constituir a sociedade futura, mercê dos seus vícios resultados dum infinidade de causas, Gonçalves Corrêa aponta «uma esperança risonha e salvadora»: a criança do berço, o adolescente — para o qual os «raros adultos normais» tem de «voltar ansiosamente os olhos, cuidando do seu desenvolvimento, como o camponês cuida da seiva, como o jardineiro trata da flor...»

O custo deste excelente folheto é de \$50 centavos.

— Da secção Editorial «La Protesta», de Buenos Aires, recebemos as seguintes obras de propaganda anarquista:

Mi Comunismo — La Felicidad Universal, de Sebastião Faure.

Cartas a una mujer sobre la anarquia — de Luís Fabri.

Los Anarquistas (Estudio y Réplica) — Cesar Lombroso e Ricardo Mella.

La Ucrania Revolucionária e resultado de un viaje de estudio desde Abril a Octubre de 1920 — por Augustin Sanchy.

El Estado Moderno, de Pedro Krapotkine.

Também recebemos de Cuba, enviada pelo próprio autor, o ilustre escritor Fernando Lleras y Bardayes — *La Sombra de Heráclito*.

Oportunamente nos referiremos a estas obras. A Editorial «La Protesta», conseqüente com o seu programa de divulgação da literatura anarquista — dos factos mais palpantes do nosso movimento e das ideas sustentadas e actos realizados pelos mais categorizados precusores do anarquismo — oferece aos seus leitores uma obra de excepcional valor histórico.

Desde os primeiros alvares do internacionalismo e da organização libertária, Malatesta representa, no movimento revolucionário trabalhador, um papel de indiscutível destaque, quer no terreno de acção, quer no campo do pensamento. E' esta figura de relêvo do anarquismo, onde ocupa um grande espaço na história do seu movimento, que Max Nettlau nos apresenta no seu brilhante estudo biográfico, da qual esta Editorial vai, em espanhol, promover a sua edição.

O estudo histórico-biográfico de Malatesta feito por Max Nettlau, pode servir-nos de guia para estudarmos o movimento revolucionário dos últi-

mos 50 anos, não só em Itália — país onde Malatesta exerceu toda a sua acção subversiva que populsionou todo o movimento anarquista em face das correntes legalitárias do socialismo — mas também na Europa, vasto campo onde se defreriram as mais renhidas batalhas ideológicas depois que Marx e Engels provocaram a scisão na Associação Internacional dos Trabalhadores.

Max Nettlau, estudando, com afinco e tenacidade, como só ele, quasi o único e verdadeiro historiador do movimento anarquista, sabe fazê-lo — conseguiu reunir uma série de episódios desenrolados na imensidade do tempo, todos característicos e que se prendem directamente com o nosso movimento e com a personalidade de Malatesta. Mesmo na parte que apenas salienta factos personalíssimos e se detem a apreciar acções individuais do revolucionário que sempre se devotou com dedicação à causa da emancipação humana, a biografia de Errico Malatesta tem uma íntima relação com a história do anarquismo. Quase que se poderá dizer que o nosso movimento revolucionário tem, no livro de Nettlau, uma clara e eloquente síntese do seu desenvolvimento na Europa e na América.

Não é necessário aprofundarmos nos sobre a personalidade de Malatesta: ela está suficientemente desenhada, por Nettlau, nesta nota editorial. Unicamente queremos salientar a importância desta obra, que será completada com outros estudos biográficos das grandes figuras do anarquismo, os quais a *Editorial La Protesta* sucessivamente irá publicando. Isto significa, para a propaganda anarquista em idioma espanhol, uma contribuição valiosa e de proficuos resultados para o desenvolvimento futuro das nossas ideias.

O programa traçado, ir-se há desenvolvendo gradualmente com o método e a ordem adequados à índole dos trabalhos que propomos divulgar pelo livro, tarefa que acarretará um trabalho intensivo alguns anos, mas cujos frutos serão de óptimos resultados para o movimento anarquista.

Avalie-se, portanto, pela sua verdadeira importância histórica, esta magnífica biografia de Malatesta escrita por Max Nettlau — traduzida directamente do alemão para o espanhol por Diego Abad de Santillán — e oferecida pela *Editorial La Protesta*.

Caleidoscópico

O horizonte político

O horizonte político mostra-se-nos muito nublado. Andam coisas no ar que não são apetitosas. A sede do mando e a ferocidade do egoísmo transtornam os cérebros, já de si um pouco avariados pelos cataclismos constantes. A política portuguesa oferece-nos, por isso, um espectáculo dos mais vergonhosos. Todos os indivíduos que possuem uma educação de alfaijas, uma educação autoritária, pretendem erguer-se das suas tocas para cavalgar os seus semelhantes. As patrulhas deste género são às centenas. Não possuem, é certo, o «material» necessário para formar uma guarda de quatro soldados e um cabo; mas acham-se com coragem de escalar as cadeiras do poder...

Sub o ponto-de-vista económico o aspecto ainda é mais terrível: a vida encarece de dia para dia com uma rapidez vertiginosa. Que fazer? Uma coisa única: preparar-se o operariado para dar um pontapé formidável em toda esta caranguejola, e proclamar o Comunismo livre.

Como vêem, é simples a solução do intrincado problema.

25 mil presos!

Segundo uma estatística que temos presente, há, nas prisões da Bulgária 25 mil presos, 11 mil dos quais são mulheres e menores de dezoito anos!

O mais curioso é que entre os membros do governo que preside aos destinos do país, há alguns socialistas filiados na respectiva *Internacional de Amsterdão*, e que, pelo visto, acham muito natural que os seus correligionários — que os deve haver entre tantos detidos — sofram as agruras do cárcere.

Mas... mas o que nós lembra agora: copiaríamos eles o processo dos governantes bolxevistas russos que não concedem nenhuma liberdade nem garantias a quem não for da sua cor política?

E' provável.

Nós, contudo, protestamos enérgicamente contra a opressão e tirania búlgaras.

Uma descoberta

Comunicam de Christchurch — Nova Zelândia, — que acabam

de ser descobertas, nas margens do rio Waikato, as famosas cavernas do mesmo nome, e que, há tantos anos, se supunha serem pura fantasia da imaginação popular.

«Estas cavernas serviam de jazigo às ossadas dos antigos chefes de tribus selvagens da Nova Zelândia. O seu interior é duma deslumbrante magnificência. Do solo surgem estalagmites; e, do teto, pendem estalactites. E todas estas belezas naturais são iluminadas pela fosforescência de bilhões de insectos aquáticos que vivem nas paredes.»

Contentemo-nos com esta pequenina descrição, já que os nossos cabedais não chegam para uma viagem de estudo a essas paragens.

As economias de Adão

Numa brochura inglesa: *Poems and Satires of Romany Rye* (J. S. Clarke) encontramos uma curiosa poesia, cuja ideia é a seguinte:

«O senhor acabara o Eden e tudo o que dentro d'ele havia; mas, embora lá tivesse lançado sementes, não nascia planta alguma, visto que faltava um homem para cultivar a terra. Então deus, perplexo, olhou em redor de si e manufacturou com barro um operário prático, de cabeça firme, mas com alguns defeitos. Solteu-o no horto para schar, lavrar, guardar, para cuidar do gado e guardá-lo, para estercear, semear, ceifar; depois deu-lhe uma mulher e a ambos recomendou que fossem económicos. Mostrou-lhes, até que se fossem frugais e poupassem dos seus salários, que seriam de trinta xelins por semana, poderiam reinar-se tam ricos como Rockefeller ou Rothschild, etc. Adão economizou os seus salários, viveu sempre sem pagar aluguer, pôz de lado o seu ganho, não bebia, não fumava e não comprava mantimentos, pois tinha batatas de graça; as folhas de figueira davam roupas excelentes; e, não tendo ainda inventada a cerveja, Adão só bebia chá.

Viveu 900 anos, gosando sempre de perfeita saúde, porque não havia sífilis. Antes de morrer, contou os seus tesouros e não pôde compreender o que lhe sucedeu: tudo o que ele pos-

sua eram 70 mil libras esterlinas! Em suma, o pobre Adão precisara de nove séculos para juntar com o seu trabalho, e uma incrível economia, um misero capital de 70 mil libras esterlinas, soma que um Rockefeller pode embolsar de três em três dias!

Porquê?

Porque Adão não tendo estupididade de operários para os fazer trabalhar para ele, serviu-se da economia em vez de se servir da exploração e do roubo.

Os «grandes» jornalistas

Na Inglaterra, como em todos os países, há «grandes» jornalistas. Mas não pensem os leitores que esses «grandes» jornalistas são aqueles indivíduos que dispendem mais esforço intelectual no manejo da pena a favor duma causa justa e humana. Não, senhores. Os «grandes» jornalistas, e dada a moral reinante da sociedade em que vivemos, são as criaturas que, dentro da gazeta onde pontificam, mais dinheiro possuem. Como prova eloquente, aí vai uma lista de «grandes» jornalistas ingleses:

Jacob Astor, que pontifica no *Times*, possui uma fortuna avaliada em 20 milhões de libras esterlinas!

Lord Beaverbrock, que pontifica no *Daily Express*, tem dois milhões e meio de libras esterlinas!

Cadbury, do *Daily News*, dois milhões!

A condessa Bathurst do *Morning Post* e o visconde Burnham, do *Daily Telegraph*, temem um milhão cada um!

E é para estes «grandes» jornalistas que o jornalismo dá dinheiro...

Secho alegre

No confessionalário:
O padre — Você é casado?
O carola — Sou, reverendo.
O padre — E com prole?
O carola — Não senhor; com Joana Perpétua.

O padre — Não é isso que lhe pergunto, meu filho. Com prole, quer dizer se tem filhos.

O carola — Ah! Isso sim. Agora percebo. Eu tenho uma prole e um prolo...

O sentido em que
somos anarquistas
por Miguel Bacunine

Um exemplar, \$30 — Pelo correto \$40.